



ISSN 1984-5634

RESENHA**“SANGUE” COMO SÍMBOLO DE VIOLÊNCIA POLÍTICA NO PERÍODO CAROLÍNGIO***“Blood” as symbol of political violence in the carolingian period***JOÃO PAULO DOS SANTOS NETO¹****RESUMO**

Esta resenha crítica se dedica a identificar e analisar os aspectos gerais do livro *Os vikings: narrativas da violência na Idade Média*, escrito por Leandro Duarte Rust. Sua obra busca conhecer os elementos próprios da percepção medieval da violência a partir da análise do significado simbólico de “sangue” nas fontes carolíngias dos séculos VIII e IX. “Sangue”, aprendemos com Rust, era um registro textual de uma violência política, e seu emprego pelos autores carolíngios em determinados contextos nos permite redimensionar o verdadeiro impacto da invasão normanda sobre o Reino dos Francos.

PALAVRAS-CHAVE: Simbolismo; Violência; Vikings.

ABSTRACT

This critical review is dedicated to identifying and analyzing the general aspects of the book *Os vikings: narrativas da violência na Idade Média*, written by Leandro Duarte Rust. His work sought to identify the elements of the medieval perception of violence from the analysis of the symbolic meaning of “blood” in Carolingian sources of the 8th and 9th centuries. “Blood”, we learn from Rust, was the textual record of political violence, and its use by Carolingian authors in certain contexts allows us to re-dimension the true impact of the Norman invasion on the Kingdom of the Franks.

KEYWORDS: Symbolism; Violence; Vikings.

EDITOR-CHEFE:

Andrei Marcelo da Rosa

EDITORE-GERENTE:

Rame Ferreira

SUBMETIDO: 19/06/2022**ACEITO:** 20/06/2023

Resenha de: RUST, Leandro Duarte. **Os vikings:** narrativas da violência na Idade Média. Petrópolis: Vozes, 2021.

COMO CITAR:

SANTOS NETO, J. P. dos.
“Sangue” como símbolo de
violência política no período
carolíngio. *Aedos*, Porto
Alegre, v. 17, n. 39, p. 613-617,
ago-dez. 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Graduado, Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal do Amazonas (com auxílio financeiro da FAPAM através do POSGRAD – Edição 2021-2022). É também participante ativo do grupo de pesquisa Imaginário e Cultura no Ocidente Medieval, liderado pelo Dr. Sinval Mello Gonçalves (UFAM). ORCID iD: 0000-0002-2352-5673. E-mail: jpsneto.3@gmail.com

Os vikings: *narrativas da violência na Idade Média*, de Leandro Duarte Rust, se trata de um estudo sobre a percepção medieval da violência nas fontes carolíngias dos anos 790 a 880. Dada sua temática, teve-se aí o grande desafio de confrontar a ideia da barbárie medieval, outrora cristalizada pela historiografia clássica. Nisso o autor foi bem-aventurado. A partir de uma rigorosa investigação dos usos simbólicos da palavra “sangue” nos autores carolíngios, Leandro D. Rust desvela ao leitor um sistema complexo de classificação e compreensão da violência na cristandade medieval.

O rigor com que o autor lê os textos carolíngios – em latim, como faz questão de ressaltar – e a erudição apresentada ao tratar dessa temática, evidenciam o quanto há de anacronismo em nossas leituras dos testemunhos históricos que tratam da violência medieval. O primeiro grande impacto para o leitor moderno, acostumado com os espetáculos sangrentos da modernidade, se dá pela constatação de que poucos conflitos faziam correr sangue nas fontes carolíngias. Não incorramos em anacronismos, nos adverte o autor, o emprego da palavra “sangue” era reservado à descrição dos casos de violência mais impactantes à vida comunitária, os quais afetavam diretamente o poder de distribuição dos homens, das terras e das riquezas. Mencioná-lo, pois, era um ato classificatório, um símbolo-denúncia de ameaça às bases sociais da civilização feudal.

Através do método indiciário de Carlo Ginzburg, Leandro D. Rust buscou tal vocábulo nos documentos carolíngios (livros de milagres, crônicas, anais, cartas e poemas) como indício de um tipo de violência, demonstrando que seu uso era resultado da combinação da individualidade de seu observador com uma profunda correlação de interesses coletivos. “Sangue”, aprendemos, era um sofisticado símbolo literário, um instrumento de crítica e um código na política medieval, e não um mero elemento descritivo daquilo que resulta da violência corpórea.

Seu trabalho é organizado em seis capítulos. Os dois primeiros apresentam a questão histórica e o método de pesquisa, enquanto os seguintes desenvolvem a tese do autor. O primeiro deles, *O trabalho do tempo: conhecer a violência viking na história*, analisa *Os milagres de São Bertino* escrito por Folcuin (fins do século IX), onde se demonstra que a narrativa do monge sobre o saque de São Bertino revela uma clara orientação em relação às premissas, objetivos e expectativas que permeavam a cristandade medieval. Essa orientação é particularmente destacada através da descrição de uma doação pagã de objetos de prata à abadia saqueada, remetendo o leitor à controvérsia da prática de restituição em discussão na época. O narrador, ao registrar destarte a violência ocorrida em São Bertino, defendeu seu ponto de vista específico a favor da restituição, direcionando assim a narrativa de acordo com suas convicções ideológicas.

O segundo capítulo, intitulado *No labirinto documental, um fio de sangue*, desenvolve essa premissa ao analisar o emprego do vocábulo “sangue” em várias versões medievais do Saque de Nantes (843). Essa análise teve como resultado a constatação de que o recurso a tal palavra esteve reservado para descrever os casos mais significativos que afetavam gravemente a preservação da Cristandade, especialmente os momentos de violação da Igreja. Por exemplo, em *La Chronique de Nantes* (século XI), o termo é utilizado para descrever a violência contra o edifício santo e por conseguinte à instituição central que permeava todos os aspectos da vida medieval:

Para o eclesiástico do século XI que recontava o episódio debruçado sobre o manuscrito, agir violentamente era, em primeiro lugar, violar bens sagrados, romper a integridade do patrimônio que simbolizava a cidade e corporificava um ideal de coletividade. Ao surgir em cena, o sangue confere magnitude à violação do santuário, cuja integridade foi desfeita ao ser ensanguentada (Rust, 2021, p. 95).

O terceiro capítulo, *Chuva de Sangue: sobre a diversidade da violência*, explora a origem e o significado da interpretação simbólica de “sangue” como um recurso para a censura política na retórica carolíngia. Nele se argumenta que Alcuíno desempenhou um papel fundamental para consolidar o uso desse vocábulo com tal finalidade. O monge de Iorque escreveu ao menos sete cartas sobre o Assalto a Lindisfarne, em 793, mas mencionou em apenas uma delas certa “chuva de sangue”, na epístola endereçada ao “diletíssimo senhor Rei Æthelred e a todos os grandes do reino” (Rust, 2021, p. 121-122). Segundo Rust, a exclusividade do símbolo na epístola ao monarca

se explica por ele expressar a avaliação política de Alcuíno sobre uma corte que supostamente se tornara um manancial de ofensas a Deus e que por isso atraiu para seu reino muitos flagelos.

Para transmitir essa mensagem era suficiente mencionar a “chuva de sangue”, pois essa expressão evocava imagens presentes em *Os Doze Abusos do Mundo* (séc. VII), à época bastante lido entre o alto clero francês. Essas imagens estabeleciam uma relação entre as calamidades que assolavam o reino e os vícios do monarca e de sua corte:

De Duodecim Abusivis Saeculi – “Sobre os Doze Abusos do Mundo” – é uma obra anônima, de modo que atribuir a um missionário irlandês é o mais longe a que se chega ao falar em autoria. Quem quer que a tenha escrito foi profundamente influenciado pela tradição profética do Velho Testamento, pois os abusos são descritos de uma maneira que lembra narrativas sobre as realidades de Israel e Judá. [...] Ao descrever o nono abuso – “o rei iníquo” –, o missionário irlandês assegurou que os vícios dessa categoria têm repercussões a um só tempo humanas e ecológicas. Quando o monarca dá passos na direção do mal, o povo perde a paz e cai em servidão, os rebanhos e as searas são destruídos, províncias são arruinadas por homens armados, tempestades de primavera e o inverno impedem o cultivo da terra e a navegação dos mares, as árvores e os vinhedos definham. [...] [Mas e quanto ao sangue?] Para demonstrar o preço a ser pago quando um bispo é negligente – o décimo abuso –, o autor irlandês passou a palavra ao profeta Ezequiel: aquele que não tenta corrigir o ímpio, que não se empenha para reconduzi-lo ao caminho do bem, será responsável por derramar seu sangue. [...] “Chuva de sangue” era uma imagem formada pela combinação de elementos desses dois modelos: o “rei iníquo” e o “bispo negligente” [...] (Rust, 2021, p. 128-130).

A recorrência dos sinais vermelhos no céu em outros registros ao longo do século IX, como nos *Anais de Fulda*, sugere a perpetuação desse padrão de avaliação política. Doravante, utilizar expressões como “chuva de sangue” ou “colunas sangrentas no céu” se tornaram formas de se expressar o lugar de determinadas situações políticas. A violência viking, assim, desprovida de sangue, aparece localizada em posição inferior em um gradiente de violências para o monge de Iorque e para o autor de *Anais de Fulda*, por não representar grande ameaça à vida em comunidade sob a influência da Igreja. Porém, com o avançar da expansão normanda, o “rastro de sangue” nos documentos passou a acompanhá-la em maior quantidade, indicando uma mudança na percepção carolíngia da ameaça política provocada pelos nórdicos.

O aumento dessas menções nos registros carolíngios de campanhas militares dos vikings indica o estabelecimento de uma autêntica concorrência pelo poder governamental. Nesse sentido, o quarto capítulo, *O que há em um nome? O governo dos reis em disputa*, explora a hipótese de que a palavra “sangue” servia também como um símbolo que denotava a vigência de uma dominação. Através de uma engenhosa comparação entre o sentido de sangue nos relatos de exorcismo em *Os Milagres Post Mortem de Santa Genoveva* e no poema épico *As Guerras da Cidade de Paris*, de Abbo (ambos elaborado em fins do século IX), Leandro D. Rust demonstra a existência de um padrão no emprego desse vocábulo entre os escritores carolíngios para designar o momento em que o domínio de algo muda de mãos:

[Em dois relatos de “Os Milagres Post Mortem de Santa Genoveva”, o de uma mulher anônima da vila de Marizy e o de Flodegísio] O sangue que jorra e encharca marca o instante inaugural do exercício de um controle, a passagem de um foro demoníaco para um celestial ou da alçada terrena para a infernal. Seu aparecimento nessas histórias ocorre para instruir a respeito dos sinais que permitem verificar um poder, incluindo a *daemonis potestate*, o “poder do demônio”, como consta no relato sobre o exorcismo de Flodegísio. [...] [Enquanto em *As guerras da cidade de Paris*] As numerosas cenas de jorros vermelhos encharcando torres e vias simbolizavam um encontro de guerreiros que lutavam por duas entidades políticas rivais. O autor de *Os Milagres de Post Mortem de Santa Genoveva*, provavelmente, compreenderia o sentido das cenas poéticas: o cerco colocou frente a frente dois povos, cada qual agente de um poder; à medida em que cada um possuía a cidade, mantendo-a ao alcance do controle normando sem removê-la inteiramente do governo cristão, a fronteira vomitava sangue. Vomitada de novo e de novo, em um ritmo infernal, uma alternância febril provocada por cada ataque, por toda investida. Como se a cada combate travado entre torres e pontes, o poder oscilasse brevemente das mãos francas para as danesas e, logo em seguida, de volta ao controle franco. Como uma pessoa ao ser levada para

longe por uma força demoníaca e trazida de volta ao leito da graça divina, a cidade expelia sangue (Rust, 2021, p. 156; 158-159).

Desta forma, ao analisar o contexto do emprego dessa palavra em fontes das mais diversas, Leandro D. Rust conseguiu não só recuperar informações importantes sobre diferentes aspectos da violência medieval, como também ajudar a desconstruir a popular imagem dos normandos enquanto bárbaros impetuosos e desorganizados que jamais representaram uma ameaça política ao domínio dos francos. Pelo contrário. Embora esta seja uma lógica defendida ao longo de seu livro, seu quinto capítulo, *Em busca de unidade: a violência viking como processo histórico*, aponta que “sangue era um nome que assinalava uma concorrência política. Este é um dado recorrente para todo o período que vai de 830 a 860” (Rust, 2021, p. 221-222).

Definitivamente, os guerreiros vikings em meados do século IX não eram mais considerados pela cristandade medieval como piratas ou saqueadores, mas, sim, conquistadores legítimos e uma séria ameaça política ao domínio dos francos. Em sua busca pelo vestígio de sangue nos documentos carolíngios, Leandro D. Rust observou haver uma diferença entre, por exemplo, o teor das cartas de Alcuíno e o do poema de Abbo no que toca a percepção da ameaça viking: a presença dos normandos passou a ser percebida como um fator desencadeador de outras violências, capaz de demolir toda a ordem social em sua investida contra o Ocidente cristão. O significado do símbolo “sangue” nas fontes carolíngias permaneceu o mesmo, mas houve um deslocamento do uso estabelecido para designar o que então se tornara a maior ameaça às estruturas sociais do Ocidente medieval.

Conclui-se, assim, que a força expressiva do termo dependia das particularidades do contexto e da biografia daquele que o empregou. Há muitos exemplos disso no livro. “Sangue” poderia ser usado com o objetivo de legitimar ou reprovar determinadas ações ou atores na política medieval. Gosto da precisão poética de Rust: “prioridades ideológicas jamais coagulam” (Rust, 2021, p. 176). Mencionar “sangue” era um ato de engajamento político e os autores carolíngios usavam esse nome para tomar partido na classificação de um evento: “Estamos diante de um uso linguístico consolidado em torno de conteúdos legais e políticos. Conteúdos que, por sua vez, eram mobilizados a partir das perdas e dos riscos para quem escrevia” (Rust, 2021, p. 181).

Sem dúvida, o grande mérito do novo livro de Leandro Rust é desvelar, através da análise desse símbolo, um modo de pensamento e de sensibilidade que eram naturais à mentalidade medieval – um domínio da história que ainda está por se fazer, no dizer de Pastoreau (2006). O método indiciário de Ginzburg, notavelmente bem empregado, mostrou-se um instrumento valioso para a análise semântica dos autores carolíngios, revelando informações preciosas sobre a expansão dos normandos e sobre os posicionamentos políticos dos clérigos nos séculos VIII e IX. Afinal, aprendemos no decurso da obra que, embora as realidades e as experiências da violência estejam inscritas no texto, elas o ultrapassam em vários aspectos.

Em suma, seguir o “rastro de sangue” permitiu a Rust não só compreender como os medievais classificavam o agir violento, a sua natureza, seu alcance e seu significado para a vida coletiva, como também identificar posicionamentos políticos de atores sociais na Idade Média. Sua obra deve também ser reconhecida por sua rigorosa revisão historiográfica de teses clássicas em língua francesa e inglesa sobre a violência dos vikings, contribuindo assim para redimensionar a nossa compreensão histórica do impacto da expansão normanda sobre o Reino dos Francos. Ademais, diferentemente de outros estudos que objetivam entender e catalogar os comportamentos violentos na Idade Média relacionados à honra ou ao poder coercitivo das classes privilegiadas, ou mesmo das que buscam entender o papel social da violência em um contexto em que ela se apresentava como o fundamento da hierarquia de poderes, Leandro Rust nos presentearia com uma instigante e inovadora interpretação da percepção medieval da violência. Seu rigor metodológico e sua atenção ao significado simbólico de um código literário perceptível somente através de ferramentas teóricas específicas abrem um novo horizonte de possibilidades de pesquisa sobre um objeto há tanto tempo estudado pelos historiadores.

REFERÊNCIAS

PASTOREAU, Michel. “Símbolo”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* (Vol. I). Bauru: Edusc, 2006. p. 495-510.

RUST, Leandro Duarte. *Os vikings: narrativas da violência na Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

RUST, Leandro Duarte. *Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2018.